

## **CIDADE EMOÇÃO**

**o ver e o viver os espaços públicos por um grupo de jovens a partir da comunidade carobinha no rio de janeiro**

### **Glauci Coelho**

Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU, UFRJ, Brasil.

E-mail: [coelhoglauci@gmail.com](mailto:coelhoglauci@gmail.com)

### **Luciana da Silva Andrade**

Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU, UFRJ, Brasil.

E-mail: [luciana.s.andrade@gmail.com](mailto:luciana.s.andrade@gmail.com)

### **Vera M. R. de Vasconcellos**

Programa de Pós-Graduação em Educação da FE, UERJ, Brasil.

E-mail: [vasconcellos.vera@gmail.com](mailto:vasconcellos.vera@gmail.com)

## **RESUMO**

Este trabalho entende a cidade através do olhar de um grupo de jovens que habita um lugar sujeito às condições de pobreza. O que nos move é conjecturar como, a partir das emoções, tais jovens são capazes de construir em processos interacionais no e com o espaço urbano, a percepção de cidade ao localizarem nesta, suas identidades. Para a caracterização desta cidade, que convencionamos chamar “cidade emoção”, coletamos as representações que os jovens expressam em desenhos e falas sobre o espaço urbano, uma vez que são imagens gravadas no imaginário coletivo. O objetivo de nossa pesquisa foi entender o espaço vivenciado do Rio de Janeiro, através dos processos perceptivos de jovens que trazem à tona a complexidade urbana à medida que revelam a identidade do território cotidiano de suas experiências. Por conseguinte, essa relação interacional dos jovens, converte-se em uma das peças fundamentais e tecedoras da construção do indivíduo, que analisamos com base na ideia de Vygotski (1998). Nesse contexto teórico, nosso objeto de estudo, a cidade, se coloca culturalmente como uma comunidade emocional, de domínio dos seus habitantes, porém, está no território apropriado o centro de onde emana o entendimento do que é o todo urbano.

**Palavras-chave:** Território; Paisagem Urbana; Espaços Públicos; Identidade.

## **ABSTRACT**

This report tries to understand the city through the look of young people that lives in a place expose to poverty conditions. What move us to try understand how, starting to the feelings, those young people are able to construct in interaction process in and with urban space, the perception of city to the notice their identities in it. To characterization of this city, that we decide to call “emotion city”, so was collected representations that they usually express at drawings and speeches about the urban space, since they are captured images at collective imaginary of the habitants. The objective of this research has been to try understand the living area to the Rio de Janeiro, through to young peoples’ perceptive processes bring up urban complexity as they reveal identity territory and daily experiences. Therefore, this young people’s interactional relation became itself at one of most important parts at development for the individual that was analyzed having at base Vygotski’s idea (1998). This theory context, our object of study, the city, take itself culturally as one emotional neighborhood, of habitants’ domain, although it is in a territory belongs to the city habitants, the center where the knowledge come from that is the all urban.

**Key-words:** Territory; Urban Landscape; Public Spaces; Identity.

## **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este trabalho entende a cidade como a expressão do conhecimento resultante de processos sócio históricos das culturas, que guiadas pelo olhar sensível sobre o que seja o espaço urbano, vivencia e simboliza os territórios da cidade através das apropriações. Neste sentido, tanto o olhar como o viver urbano, consequência interacional da experiência humana, se transformam em conhecimento, nos informando sobre o que é a cidade, nos transformando como personas nos territórios urbanos.

Nós partimos do pressuposto que o conceito de cidade é algo socialmente construído dentro dos grupos sociais a que pertencemos (Vygotski, 1998), embasando nosso estudo no entendimento do que seja a “comunidade emocional” enunciada por Maffesoli (2010). Na comunidade emocional, as emoções emergem coletivamente, tecendo dialogicamente as experiências percebidas e vivenciadas (Raffestin, 1995,1977). A partir do olhar, destaca-se a síntese dos processos perceptivos que traduzem a paisagem, e a partir das vivências, destaca-se a síntese dos processos experienciais que traduzem as complexidades e tensões que configuram os territórios, realçando sempre a construção do que seja para nós o conhecimento sobre a cidade.

Tal conhecimento é trazido à tona em nossa pesquisa quando indagamos um grupo de jovens entre 15 e 17 anos que habita a cidade do Rio de Janeiro, a partir da Comunidade da Carobinha, loteamento irregular no subúrbio da cidade. A investigação adota o fazer etnográfico com registros no caderno de campo, de falas e impressões dos autores, para posterior análise e síntese do que seja a “cidade emoção” expressa por uma comunidade emocional.

## **2 O VER E O VIVER NO E COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS**

Acreditamos que as experiências humanas são produzidas entre o olhar (perceber pelos processos perceptivos) e o vivenciar (acumular experiências). Esta relação entre perceber e viver localizam identidades, à medida que constitui territórios que se tornam cada vez mais complexos pelos movimentos de desterritorialização e reterritorialização.

Para compreendermos a complexificação interna desse território e as relações de reciprocidade na sua constituição, se faz necessária captar o sentido de diferenciação e ressignificação da paisagem urbana pelos diversos grupos culturais, ressaltando o simbolismo da sua forma e funções através das apropriações. Com isto, algo que antes era simplesmente categorizado pela dimensão do olhar, agora incorpora a dimensão do vivenciar.

Com base em tais considerações, é importante pensarmos a paisagem como um sistema arranjado de elementos variados, ou de uma maneira muito teórica e elementar, a paisagem é uma combinação de unidades que possibilita diversas morfologias. Trata-se assim, de uma sintaxe geográfica, uma frase que combina diferentes elementos no espaço-tempo, que responde a fins práticos e que concentra em si a experiência que serve a conservação e transmissão de informações, mas que em geral, pode, se interpretada somente por seu aspecto visual, mascarar os limites e significações do território (Raffestin, 1977: 127-129).

Estamos dizendo com isso, e com base nas informações de Raffestin que a dimensão visual que confere maior ou menor grau de espetacularidade a paisagem, não é suficiente para descrevê-la em nosso estudo, a partir do momento que as diversas possibilidades de arranjos que criam os territórios nos imaginários humano são colocadas em relação também pela dimensão viver como aporte sociocultural. Assim sendo, faz-se necessário diferenciar e compreender uma “linguagem da territorialidade” (Raffestin, 1995) que irá nos permitir decifrar as relações vividas através das apropriações manifestas pelas culturas nos e com os espaços públicos.

A linguagem da territorialidade trata de uma relação, um processo capaz de criar territórios humanos carregados de significados, que tendem a desterritorializar no espaço-tempo, para em seguida reterritorializar a experiência humana em novas significações. Tal linguagem é definida, sobretudo, como

um processo de troca de informações ou de comunicação que se desenrola numa rede complexa como uma interface biossocial (Raffestin, 1995).

Isto nos anuncia que a linguagem da territorialidade deve nos conduzir através da compreensão do mundo pelo conjunto formado pelos fatores que anunciam tanto a linguagem da paisagem, como a linguagem do território, como “aspectos paralelos” (Cullen, 1983: 10) de uma cultura, que ocorrem num determinado ambiente, capaz de suscitar reações emocionais, o que delimita a cidade como “uma ocorrência emocionante no meio-ambiente” (Cullen, 1983: 10).

Importante ficar claro que tecemos nossas considerações sobre a construção da linguagem da paisagem e da territorialidade, a partir das possibilidades interacionais ocorridas nos espaços públicos da cidade. Entendemos o espaço público também como produto da história em constante movimento, “uma construção social” (Serfaty, 1988: 116) produzida por intenções e representações de um contexto. Os espaços públicos urbanos podem ser então percebidos como territórios coletivos interiores e exteriores de sociabilidade, através da existência ou não de limites físicos e/ou simbólicos de controle.

Os muros, tetos e portas colocam a questão do controle de acesso [aos espaços públicos urbanos interiores], mas também das regras de utilização do lugar (...). [§] trata-se de uma questão dupla, que considera não somente a abertura social de um lugar, mas também a definição dos usos sociais possíveis deste lugar (...). [§] esta dupla questão pode ser pensada à propósito dos diversos territórios onde o proprietário é a comunidade, tais como: escolas, universidades, teatros e museus nacionais (Serfaty, 1988: 112).

Já os espaços públicos exteriores são por excelência os territórios urbanos do coletivo, onde observamos as práticas dos costumes de uma comunidade em interação com as ambiências<sup>1</sup> que animam esses territórios, e desenham o sistema de espaços livres de uma cultura.

Os espaços públicos urbanos são os territórios coletivos exteriores, com limites físicos claramente definidos (por edifícios por exemplo, ou jardins e praças, e ruas) e facilmente acessível (por diversas ruas, ruelas, escadarias, etc.). Nesse sentido, são lugares escolhidos e abertos, que favorecem o estar tanto quanto a passagem. Devido ao seu carácter espaço fisicamente e socialmente aberto, o seu papel e as práticas que lhes são próprias são influenciadas pelo contexto urbano no qual ele se insere. Sua situação, arquitetura e funções simbólicas de muitos desses espaços, faz com que eles desempenhem, por outro lado, um papel estrutural no tecido urbano como um todo (Serfaty, 1988: 120).

Ao fundamentarmos o espaço público como territórios de sociabilidade destacamos ainda que este é um importante suporte material para o desenrolar das interações que desenham a “linguagem da paisagem” e a “linguagem das territorialidades”, de indivíduos e grupos que significam os territórios urbanos, cooperando na construção do conhecimento da cidade emoção.

### **3 A CIDADE EMOÇÃO**

#### **3.1. Um conceito socialmente construído**

É importante delimitarmos que consideramos a emoção como uma categoria de análise a partir da antropológica, capaz de organizar o conhecimento que construímos sobre o que é real através das interações. Ela se estrutura não apenas como algo da subjetividade, mas, sobretudo como algo “(...) que tem efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo” (Rezende e Coelho, 2010: 13).

Com isso, quando dizemos cidade emoção, estamos conjecturando o espaço urbano como uma materialidade que ganha significação à medida que nos relacionamos com o mundo tanto pelos processos perceptivos como pelos sócios culturais de significação espacial, ao colocar em evidência as linguagens da paisagem e territorialidade, processos estes, capazes de, como citamos anteriormente, suscitar reações emocionais que irão afetar nossa interpretação sobre a realidade.

Então, a cidade emoção é um produto do conhecimento, que para cada indivíduo ou grupo é um conceito socialmente construído. Por isso, compartilhamos com Vygotski (1998) que a formação dos conceitos é uma

---

<sup>1</sup> O “espaço, arquitetonicamente organizado e animado, que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético, ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas” (Aurélio, 2004).

operação intelectual, que une tanto diferenças como similaridades, e tem como mediador central o significado da palavra que designa as coisas no mundo, ao centralizar a atenção, abstrair traços, sintetizando-os e simbolizando-os através de um signo (Vygotski, 1998: 101).

Vygotski (1998) aponta que o desenvolvimento dos conceitos ocorre tanto de maneira espontânea como intencional, ou seja, de forma instrucional. O que ele denominou, respectivamente, de conceitos cotidianos e conceitos científicos. Eles se relacionam e se influenciam mutuamente, e são mutuamente estimulados (Vygotski, 1998: 107). É importante balizar que quando o autor usa a palavra espontânea para se referir à formação de conceitos, esta “(...) é sinônimo de não-consciente, [uma vez que] ao operar com conceitos espontâneos, a criança não está consciente deles, pois, a sua atenção está centrada no objeto (...), nunca no próprio ato do pensamento” (Vygotski, 1998: 115).

Resumidamente, a formação dos conceitos é um processo relacional, que é possível somente através das interações as quais somos submetidos por força das circunstâncias ou que escolhemos vivenciar. Isto nos anuncia que mesmo a identidade individual – “o eu”, somente é possível em um processo sócio histórico através da identidade coletiva – “o nós”. Assim, nos é pertinente pensar que o conhecimento emocional ocorre imerso em uma comunidade também emocional.

### **3.2. A comunidade emocional e as construções identitárias na cidade**

A construção do conhecimento é para Maffesoli (2010), orgânica. Este autor trata tal organicidade como um retorno ao vitalismo, ou seja, a vida universal presente em pequenos grupos contemporâneos, e que é capaz de esclarecer a “(...) emoção e a dimensão afetual” (Maffesoli, 2010: 27) que estruturam suas realidades.

Maffesoli considera ainda, que na contemporaneidade a lógica das identidades compartimentadas, estanques e que reduzem indivíduos está diluída em tribos. O que ele chama de “metáfora das tribos” contribui para o entendimento do processo de desindividualização, em que os indivíduos passam a ter uma atuação coletivista dentro de diversas tribos, e que por sua vez, não estão restritos a uma única identificação tribal. Isto significa que ao transitar entre uma tribo e outra, o ser passa a possuir múltiplas identidades “(...) como nebulosas de pequenas identidades locais” (Maffesoli, 2010: 36).

Esse movimento dos indivíduos é percebido através da nova ordem social, no que Maffesoli diz ser fruto do deslocamento e tensão, que parte da antiga ordem calcada em uma estrutura mecânica do social à atual estrutura complexa ou orgânica da sociabilidade. A primeira ordem social considera a função dos indivíduos em grupos contratuais, já a segunda considera o papel das pessoas em tribos afetuais (Maffesoli, 2010: 31).

Com base em tal entendimento o autor coloca ainda que as novas experiências de sociabilidade podem ser analisadas através do conceito de tribalismo presente na comunidade emocional. Resumidamente a comunidade emocional está pautada em três paradigmas: o estético; o ético, e; os de costumes.

O paradigma estético considera a multiplicidade do eu, personas (personagens), o que serve para a reflexão sobre as múltiplas identidades é a ambiência de fundo em que se instalam os eventos, não somente a vida vivida, mas também a percebida, qual seja, “(...) o sentido de vivenciar e sentir [viver e ver pelos processos perceptivos]”, que tende a construir uma estética comum sobre o real (Maffesoli, 2010: 37).

O paradigma ético considera o conformismo existente em cada comunidade, ou a “aceitação” dos fatos, qual seja “a lei do meio” que fundamenta a ética comunitária. O que é tratado neste âmbito é o “estar-junto solidário” (Maffesoli, 2010: 45-46).

O paradigma de costumes considera a maneira de fazer de uma comunidade, que fundamenta o seu estar-junto. O que está em questão são os aspectos rituais, as experiências, pois o cotidiano é fundamentado por ações livres e relacionais (Maffesoli, 2010: 54-55).

Os paradigmas que fundamentam a comunidade emocional se manifestam através da comunicação que estabelecemos com o mundo, por isso entrelaçam o território à língua<sup>2</sup> na constituição das diversas

---

<sup>2</sup> Importante destacar que o termo língua para definir a comunicação humana, não tem aqui a intenção reducionista que considera a fala verbalizada, que demarca territórios, como única forma de expressão. Por isso, esta pesquisa se debruça também sobre a expressão corporal, evidenciadas pelas escolhas de movimentação (trajetos) no espaço urbano, textos e imagens desenhadas ou fotografadas por nossos informantes em campo.

territorialidades. Raffestin (1995) nos aponta que é difícil imaginarmos situações nas quais língua e território não estão envolvidos de uma maneira ou de outra, nas quais esses mediadores não joguem um papel qualquer na construção das subjetividades e do sentido coletivo (Raffestin, 1995: 90).

Esses mediadores na construção da subjetividade, território e língua, metodologicamente são analisados através das nuances espaciais dos seguintes territórios:

O território cotidiano, onde se desenrola a vida do dia-a-dia. Nesse território se constrói as necessidades de segurança, pertencimento, afetividade entre outros; O território de trocas, um território em movimento que não deve ser cartografado na escala do lugar, mas sim do planeta. Na escala da localidade, acreditamos que ele acontece nas sutilezas das relações de posse e poder de consumo; O território referencial, que é o território ancestral e que diz respeito à memória de um povo ou grupo; O território sagrado é importante por seu aspecto abstrato que organiza o real (Raffestin, 1995: 99).

#### 4 DEFINIÇÃO DE UM MÉTODO PARA A ANÁLISE DA CIDADE EMOÇÃO

Os eventos que ocorrem no espaço-tempo comportam propriedades projetivas, simbólicas e temporais e marcam tanto os aspectos organizacionais dos territórios cotidianos de indivíduos ou grupos, onde observamos as coconstruções de suas identidades. Com base em tal observação, nós nos apoiamos em Bailly para organizarmos a análise das representações do espaço visto e vivido em dois aspectos: os estruturais e os de significações culturais e sociais do lugar (Bailly, 1990: 266).

O nível estrutural corresponde ao conjunto de referências ou marcos físicos tidos como eixos estruturantes a que um indivíduo se reporta para se orientar e deslocar em um determinado espaço, e as relações entre estes. O nível das significações analisa as relações sociais, pois considera que todos os lugares são carregados de significações diversas: coordenadas simbólicas; limites culturais, históricos e simbólicos; imagens mentais; e propriedades simbólicas e/ou funcionais atribuídas por outros.

Tabela 1: Duplos elementos, exteriores e interiores, de construção de nossas representações	
<b>Elementos exteriores</b> <b>LINGUAGEM DA PAISAGEM</b>	<b>Elementos interiores</b> <b>LINGUAGEM DA TERRITORIALIDADE</b>
<b>Estruturas do lugar</b> <b>O VER</b>	<b>Significações socioculturais do lugar</b> <b>O VIVER</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Eixos estruturantes (vias e/ou lugares);</li> <li>Relações entre os eixos (vias e/ou lugares);</li> <li>Referências (marcos físicos);</li> <li>Limites físicos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Coordenadas simbólicas;</li> <li>Limites culturais, históricos e simbólicos;</li> <li>Imagens e representações simbólicas e/ou funcionais;</li> <li>Características simbólicas (marcações e personalizações);</li> <li>Territorialidades (espaço significado).</li> </ul>
Fonte: Coelho, 2015: 114.	

Observamos com isso, que as representações da estrutura do lugar, caracterizam a linguagem da paisagem – o ver. Já as representações das significações culturais e sociais do lugar, caracterizam a linguagem da territorialidade – o viver. Em ambos os casos, é a experiência humana que trata de combinar ambos os aspectos nos nossos processos de construção do conhecimento sobre a cidade emoção.

A construção do conhecimento sobre a cidade emoção distingue os lugares simbolizados que se ligam em uma teia de relações diretamente vinculada aos nossos sentimentos, e assim construímos nossa relação emocional com os territórios, entre aquilo que conhecemos como “conceitos científicos” e aquilo que interpretamos como “conceitos espontâneos” (Vygotski, 1998: 115). Não esquecendo que as representações espaciais são tantas quantas são possíveis as nossas vivências. A este respeito, Bailly recorda a advertência de Lévi-Strauss de que devemos observar que cada relação indivíduo-espaço irá constituir conotações de quais são os aspectos positivos e negativos no seu ambiente, e à medida que o indivíduo se relaciona em um campo de possibilidades constitutivas de identidades, essa conotação converte-se na identidade coletiva (Bailly, 1990: 269) da comunidade emocional.

Por isso, consideramos que para o exame dos processos interacionais mediados pelo conhecimento que representa os territórios vistos e vividos em um movimento dialógico de construções identitárias por apropriações, o mais lógico é conjugar os discursos tanto da análise dos elementos estruturais do espaço, que trata da linguagem da paisagem, como da análise cognitiva das significações socioculturais que trata da

linguagem da territorialidade, às partes territoriais mínimas e indicadas por Raffestin (1977) , quais sejam: o território cotidiano; o de trocas; o de referência; e o sagrado.



Figura 1: Quadro síntese das representações a partir do tetraglossema através das apropriações físicas e cognitivas dos territórios, e que eco-auto-organizam os pensamentos sobre a realidade.

Fonte: Coelho, 2015: 119.

É importante assinalar que a proposta de análise indica quatro partes mínimas (tetraglossema) para a análise da paisagem e da territorialidade. Contudo, ele pode ter as quatro partes desdobradas segundo as necessidades de cada contexto, ou ainda segundo as modalidades de apropriação no campo material e no campo das ideias. O que irá determinar o “glossema”, para a análise, é a incursão e entendimento de cada realidade analisada. Por isso, Raffestin (1977) apontou no início que as relações entre os indivíduos e destes com o espaço “implica numa antropológica das relações construída de territorialidades que explicita a existência humana, como método de análise” (Raffestin, 1977: 132).

Assim, a nossa postura investigativa é combinar o método de análise proposto aos métodos de campo de base etnográfica que nos possibilitam olhar os contextos urbanos de dentro. Consideramos para isso, a interpretação da emoção como categoria analítica na antropologia, a partir da qual o método de observação do “percurso comentado” (Thibaud, 2004) implica a interação de todos os envolvidos no processo de pesquisa.

## 5 O OLHAR DE DENTRO: O PERCURSO COMENTADO COMO MÉTODO DE CAMPO

Esta pesquisa observa as representações urbanas, através das nuances entre o perceber e o viver ambiências pelas emoções. Por isto, a nossa aproximação com o objeto de análise se faz pela etnografia que especificamente trata a emoção como as impressões que qualificam um determinado objeto, e que são também expressas principalmente através das falas dos que nos informam (Rezende & Coelho, 2010; Koury, 2009).

Porém, esta fala está associada à apropriação que fazemos do lugar, à medida que esta é capaz de nos informar e captar a experiência sensível, através da percepção em movimento, por meio de três atividades ao mesmo tempo: “caminhar, perceber e descrever” (Thibaud, 2003: 3).

Nesse sentido, Thibaud (2008) nos esclarece a importância de uma etnografia, através do método do percurso comentado, comprometida com a percepção e representação produzida por todos os atores envolvidos, quais sejam, os “eu, tu, ele: caminhando com três pessoas” (Thibaud, 2008).

O “EU” neste caso somos o “NÓS” pesquisadores. De qualquer forma a primeira pessoa, que experimenta a descoberta de um novo território urbano através do caminhar, é “[o] primeiro contato com um espaço não conhecido e de novas ambiências” (Thibaud, 2008: 2). O “TU” volta o olhar para a fala do outro. Não são mais nossas impressões ao caminhar livremente, mas as impressões daquele que nos leva no caminhar ou que são entrevistados no decorrer do trajeto. Já o “ELE”, consiste em nos colocar ao ritmo dos passantes pura e simplesmente, e em diversas horas do dia, os quais nós observamos à distância, nos posicionando em um ponto específico do território, mas que, não está envolvido diretamente nesta pesquisa.

Na intenção de captar a dimensão emocional do espaço urbano através das apropriações dos espaços públicos, buscamos um grupo de jovens adolescente como informantes, e o lugar a partir do qual eles deram vazão às emoções na descrição da cidade, foi o Jardim Nossa Senhora das Graças, loteamento irregular mais conhecido como Carobinha, no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro.

Nossa interação como investigadores foi participativa, por tanto, organizamos tanto quanto os nossos informantes nossas identidades nas interações cotidianas que estabelecemos. Nesta perspectiva, permanecemos em campo cinco dias não subsequentes entre abril e maio de 2012. Os meios de informações foram as falas expressas nas dinâmicas e nos percursos comentados, gravadas em vídeo e transcritas em um caderno de campo, além de desenhos produzidos pelos jovens em dinâmicas.

Escolhemos trabalhar com um grupo de jovens entre 14 e 17 anos, porque a juventude se comporta exatamente como uma comunidade solidária, tal como enunciado por Maffesoli (2010), que age emocionalmente em pequenas tribos por processos de empatia, e por isso é capaz de se articular em redes de sociabilidade.

Isso nos possibilita refletir também sobre as relações de poder econômico, sentidas pelo fio da emoção de uma juventude que vê, percebe e vivencia as diferenças formais de um espaço urbano submetido às condições de pobreza. A partir de tais considerações, apresentamos uma breve análise do que é a cidade emoção entre o olhar e o viver urbano de dez jovens integrantes do Programa Projovem Adolescente<sup>3</sup> sediado, no momento da pesquisa de campo, na Associação de Moradores, sendo quatro meninos e seis meninas. Todos os meninos possuíam 17 anos, enquanto as meninas distribuíam-se entre 14, 16 e 17 anos na relação 3:2:1.

## **6 ESPAÇOS PÚBLICOS APROPRIADOS E REPRESENTADOS NA CONSTITUIÇÃO DAS TERRITORIALIDADES DA JUVENTUDE DA CAROBINHA**

A partir do percurso metodológico apontado, nossas análises estão focadas em desvendar o que os territórios, cotidianos, de trocas, referencial e sagrado (Raffestin, 1995) são para um grupo de jovens que moram na Carobinha, entendendo que a leituras dos aspectos estruturais e de significações que delimitam tais territórios, caracteriza a comunidade emocional dos jovens que representam a sua cidade emoção. Para isto, entendemos, através das considerações analíticas que se seguem, que as interpretações dos jovens são constituídas de aspectos emocionais que organizam suas percepções e reações no e com o mundo.

A melhor forma de iniciarmos nossas considerações sobre a cidade emocional, é ressaltar o conflito de estranhamento e resistência expressado pela jovem Gabriela<sup>4</sup> quando perguntamos ao grupo como era o território cotidiano da Carobinha.

[sic] Professor<sup>5</sup>: Fala Gabriela, olha pra cá... Gabrieela? Gabriela? Olha pra cá e fala como é a sua comunidade.

<sup>3</sup> Programa do Governo Federal que integra a Política Nacional de Assistência Social, que é uma política pública de proteção social de caráter universalizante, que se materializa por meio do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O Projovem foi regulamentado através do Decreto nº 6629 de 4 de novembro de 2008 como um programa de Inclusão de jovens, e que tem como foco o “fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, o retorno dos adolescentes à escola e sua permanência no sistema de ensino” (MDS, 2013).

<sup>4</sup> Os nomes dos jovens foram alterados para preservar suas identidades.

<sup>5</sup> Forma como os jovens se referiam ao “orientador social” do Programa Projovem Adolescente. Este desempenha a “função-chave” de facilitar a trajetória de cada jovem e do coletivo juvenil na direção do desenvolvimento pessoal e social.

[sic] Gabriela: MINHA COMUNIDADE É CHATA. (Coelho, 2015: 183)

O que interpretamos é que, de maneira geral, primeiramente os jovens reagem negativamente quando inqueridos sobre como é o lugar em que moram, mas tal reação é seguida de um discurso contraditório, carregado do mesmo conformismo que trata o paradigma ético de Maffesoli (2010) ao descreverem um lugar, que apesar da precária infraestrutura urbana, é capaz de acolher e posicionar suas identidades.

[sic] Gabriela: O lugar que eu moro é um pouquinho ruim, pois não tem NADA. (...). É MUITO CHATO porque não tem adolescente da minha idade e os que têm só gostam de jogar bola, soltar pipa e ficar correndo para cima e para baixo que nem malucos. EU NÃO SAIRIA DO LUGAR ONDE MORO, pois é um lugar onde eu tenho paz e tranquilidade de espírito, só que melhorasse em muitos aspectos e o primeiro seria o saneamento e a drenagem do rio, pois todas as vezes que chove muito forte, o rio enche, transborda, e enche a minha casa e as casas de outros vizinhos. (...). CONCLUINDO, O LUGAR ONDE EU MORO É CHATO, MAS É BOM AO MESMO TEMPO, EXISTEM PESSOAS QUE ESTÃO PIORES OU NÃO TEM LUGAR ONDE MORAR. (Coelho, 2015: 184).

Logo de início, é importante percebermos que a condição de pobreza dada pela precária infraestrutura urbana é algo percebido e entendido pelos jovens da Carobinha como um ponto central de distanciamento de outras realidades urbanas. Isto fica claro à medida que o exploramos o caderno de campo. Meninos e meninas percebem a cidade pelas suas nuances socioculturais da mesma forma, contudo, ainda que o debate de gênero não faça parte da nossa pesquisa, os jovens se dividiram em campo desta maneira. Assim, é importante trazermos o discurso expresso pelos meninos e pelas meninas.

A filmagem dos meninos teve como mediador ativo "O professor" que indicava o que tinha que ser filmado, e isso desviava a atenção deles, que estavam preocupados de fato com o campo de futebol. Isso ressalta a força desse esporte no imaginário masculino de jovens que podem ter neste, uma maneira de subverter sua condição de pobreza. O campo de futebol é uma representação recorrente nos desenhos dos meninos como posituação do lugar.

Já o percurso comentado pelas meninas, não teve a força da mediação do "O professor". Elas ficaram livres para dar vazão as suas impressões sobre o espaço urbano. De maneira mais crítica, elas identificam a comunidade através da territorialização do controle dado pelo crime organizado<sup>6</sup>. Quando perguntamos sobre a organização de uma ocupação de moradores em um terreno, elas logo deixaram claro que aquilo tinha sido uma ação dos milicianos.

[sic] Juliana: ... Eles é quem tiraram o mato, os MM's. (Coelho, 2015: 195).

As relações de trocas são visíveis através da plena consciência que os jovens da Carobinha têm do valor de compra dos pequenos objetos que fazem parte do seu cotidiano. Relacionam os valores dos objetos ao lugar, e por meio deste entendimento, se incluem ou excluem de determinado cotidiano.

[sic] Romário: Mais um pouco a frente tem um negócio ali... É tipo um ponto. É caro pra "caraca" as coisas lá entendeu. Fui pra comprar um negócio ali, um doce um Real, caro pra "caraca". Não aconselho ninguém a comprar nada ali. (Coelho, 2015: 200).

Já sobre o território referencial que diz respeito à memória, nós o percebemos através de um território que é referencial real e outro que é idealizado pelos jovens. O primeiro diz respeito à materialidade das experiências e que se relaciona tanto ao passado como ao presente, já o outro considera a imagem, muitas vezes utópicas que projetamos sobre qualquer fato ou coisa, e que incorpora o futuro como possibilidade.

Os jovens nos apontaram o território referencial real como o lugar afetivo, que tanto pode ser um lugar de construção da identidade através dos aspectos positivos, como dos negativos, ou seja, aquele lugar, que mesmo que saibam que pertence as suas realidades, eles tentam negar ou excluir de seus cotidianos. Um exemplo de lugar referencial real afetivo para esses jovens é o espaço da escola, primeiro espaço público interior qualificado emocionalmente, onde eles têm a possibilidade de se socializarem e expandirem suas

---

<sup>6</sup> A comunidade da Carobinha é submetida ao controle dos milicianos, denominados pelos jovens de "Os MM's", sigla para meliantes milicianos.



identidades nas interações cotidianas. A escola é um lugar vivo na memória desses jovens, que eles revisitam a todo instante para descrever o lado melhor de suas vidas.

[sic] Márcia: (...) Ih! “a lá” passei anos da minha vida nessa rua... Meu antigo colégio, tipo... Meu primeiro colégio. (Coelho, 2015: 206).

Porém, o lugar referencial real afetivo pelos aspectos negativos, ou seja, o lugar negado, também aparece nas falas dos jovens, o que revela a nuance emocional que eles “travam” com a comunidade. O lugar negado é associado à imagem do tráfico de drogas, que antes dos milicianos, “controlava” o território da Carobinha, e para esses jovens é a pior imagem e a qual nenhum deles quer estar associado.

[sic] Gabriela: Tem uma farmácia perto de onde eu moro que é na quadra 100... Perto, eu não moro na quadra 100... Graças a Deus, Deus me livrou desse mal!

[sic] Pesquisadores: O que é que tem na quadra 100?

[sic] Gabriela: Porque, é... Quando era bandidagem aqui, aí...

[sic] Gabriela: É... o pessoal só ficava lá, então a quadra 100 é tida como favela, como coisa que não presta, como lugar que não presta. (Coelho, 2015: 211).

Quanto ao território referencial ideal, os jovens mesclam entre aquilo que é esperado dos espaços públicos exteriores de uma cidade, com aquilo que existe de fato no lugar e que é razão de ironia para eles. Eles buscam a todo instante, imagens icônicas que servem para positivar a imagem do lugar, como a infraestrutura urbana ou elementos paisagísticos presentes em áreas abastadas da cidade.

[sic] Romário: (...) Olha os coqueiros, que lindo! “Caraca”! Parece Copacabana né, massa! (...) (Coelho, 2015: 213).

No contexto de precariedade da infraestrutura urbana, o território sagrado surge como o meio da salvação de suas realidades, através do discurso da aceitação e conformismo. Discurso este, exemplar do “estar junto solidário” que é próprio do paradigma ético caracterizado por Maffesoli (2010: 45-46).

[sic] Gabriela: Tem uma farmácia perto de onde eu moro que é na quadra 100... Perto, eu não moro na quadra 100... GRAÇAS A DEUS, DEUS ME LIVROU DESSE MAL! (Coelho, 2015: 219).

Contudo, é evidente que a totalidade do lugar, tal como dito pela jovem Gabriela no início desta análise, possui infraestrutura deficiente e tratamento diferenciado, no que diz respeito à produção formal do espaço público exterior, e isto é por eles ironizado.

[sic] Romário: Olha a rua gente! Olha o cenário! Só Deus na causa.

[Pesquisadores] Referia-se a Rua Dália que não é asfaltada e cheia de poças d’água acumuladas nos buracos feitos pelo trânsito de veículos.

[sic] Romário: Ôôôô... Uma imagem dessas! Nem quero ir a Paris mais.

[sic] Romário: Na zona sul não tem isso, olha o estado [rua de terra com poças d’água] (Coelho, 2015: 214).

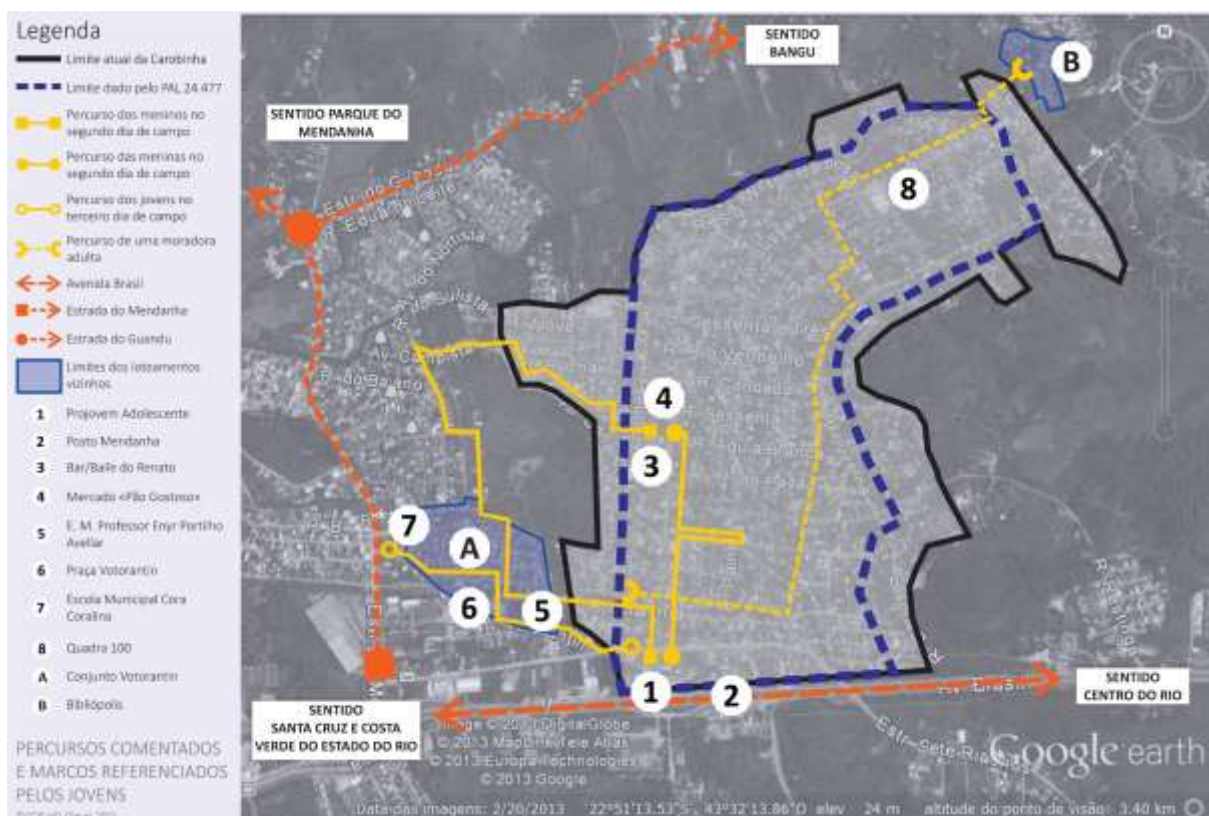


Figura 2: Cruzamento dos percursos comentados com os marcos referenciados pelos jovens na Carobinha.  
 Fonte das Informações: Coelho, 2015: 225.



Figura 3: Zonas que influenciam a construção do conhecimento emocional sobre cidade, a partir das apropriações materiais e imaginárias reveladas pelos trajetos físicos e cognitivos dos jovens do Projovem Carobinha.  
 Fonte das Informações: Coelho, 2015: 226.

## 7 Considerações finais

O jogo entre os territórios cotidiano, de trocas, referencial e sagrado evidencia um cotidiano que é “dado” pela sociedade a esses jovens, onde, por suas situações econômicas têm suas capacidades de consumo dos espaços urbanos litados, pois os mesmos possuem a consciência das realidades dos territórios cotidianos a que são submetidos, ao se reportarem aos territórios referencias que evidenciam as diferenças estruturais dos espaços da cidade. O território sagrado entra para explicar o que o sistema não explica e para acomodar suas emoções através do mecanismo de aceitação.

Nossas construções indenitárias conflitam a todo instante entre interioridade-exterioridade a medida que interagimos através das apropriações a partir dos espaços públicos interiores e exteriores, e com os outros. O que fica como conhecimento do que é a cidade é exatamente aquilo que construímos com o coletivo, o que ressalta o caráter sócio histórico das sociedades. Maffesoli (2010) nos fala de persona como um “eu público”, ou melhor, aquilo que encenamos parecer, nos diferentes contextos, pois nós somos tantos quantos forem possíveis nossas vivências urbanas, mas sempre atrelados a uma tribo e os seus paradigmas estéticos, éticos e de costumes que constituem as “cidades emocionais” de cada um.

## BIBLIOGRAFIA

### Obra completa:

AURÉLIO (2004). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Positivo informática Ltda.: CD-ROM Versão 5.0.

COELHO, G. do N. (2015). *Cidade Emoção: o ver e o viver urbano nas representações de um grupo de jovens do Rio de Janeiro*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo.

CULLEN, G. (1983). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70 Ltda.

KOURY, M. G. P. (2009). *Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV.

MAFFESOLI, M. (2010). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4ª ed.

REZENDE, C. B. e COELHO, M. C. (2010). *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

VYGOTSKI, L. (1998). *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; et al. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed.

### Fontes eletrônicas:

MDS (2013). *Projovem Adolescente*. Brasília: Governo do Brasil. <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protECAobasica/servicos/projovem> (Acessado: 14/01/2013).

RAFFESTIN, C. (1995). *Langue et territoire. Autour de la géographie culturelle*. In: WALTY, Samuel; WERLEN, Benno. *Kulturen und Raum: theoretische Ansätze und empirische Kulturforschung in Indonesien: Festschrift für Professor Albert Leemann*. Zurich: Rüegger, 87-104. <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:4451> (Acessado: 16/12/2012).

\_\_\_\_ (1977). *Paysage et territorialité*. Cahiers de géographie du Québec, vol. 21, Nº. 53-54, 123-134. <http://id.erudit.org/iderudit/021360ar> (Acessado: 16/12/2012).

SERFATY, P. K. (1988). *La sociabilité publique et ses territoires: Places et espaces publics urbains*. In: *Architecture et Comportement*. Suisse: Lausanne: Ecole polytechnique fédérale de Lausanne, Vol. 4, nº. 2, 111-132. <http://www.comportements.ch/fr/revue-architecture-comportement> (Acessado em 19/07/2015).

THIBAUD, J-P. (2008). *Je, Tu, Il. La marche aux trois personnes*. Urbanisme. n.359, Mars-Avril, 63-65. [http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc\\_num.php?explnum\\_id=331](http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc_num.php?explnum_id=331) (Acessado: 14/01/2013).